

NARRATIVA DE SI: IMBRICAÇÕES QUE ENLAÇAM A PESQUISADORA EM PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PESQUISADOR (A) ENCARNADO (A) PARA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Tânia Pinto dos Santos Souza¹

Resumo: Refletindo sobre o desenvolvimento da investigação de Tese intitulada “Letramento Científico na Educação Profissional e Tecnológica: memórias, narrativas de estudantes no contexto do território do Litoral Norte e Agreste Baiano”, versa sobre as narrativas e práticas de estudantes da educação profissional e tecnológica no desenvolvimento de projetos científicos, para tal, aposto na perspectiva ética, epistemológica, metodológica e teórica que vem sendo desenvolvida junto ao Grupo Enlace (Messeder, 2020). O presente trabalho propõe narrar a trajetória percorrida até então sobre a pesquisa em epígrafe pontuando a experimentação do processo em formação para o pesquisador (a) encarnado (a). Para tanto, a supracitada proposta discorrerá sobre as imbricações relevantes elucidadas na narrativa autobiográfica da pesquisadora, necessárias, para a compreensão do desenvolvimento do tema de sua investigação. Segundo Messeder (2020), são dez dispositivos que compõem as ações para realizar a modelagem para um (a) pesquisador (a) encarnado (a), a saber: memória, ancestralidade, justiça, geopolítica do conhecimento, ética, estética, compromisso, situação/contexto, rede de coalizão, alteridade/heterogêneo. Vivenciando o processo de formação para a modelagem do (a) pesquisador encarnado (a), essa escrita fará uso do dispositivo da memória com vistas a apresentar num outro momento, as reflexões sobre as observações realizadas nessa fase da pesquisa quanto ao

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Suely Aldir Messeder. Endereço eletrônico: tpintosouza@yahoo.com.br.

processo de escuta das narrativas de estudantes egressos do centro territorial de educação profissional do litoral norte e agreste baiano sobre os projetos científicos desenvolvidos no período que frequentaram a instituição, que se entrelaçam com a narrativa da pesquisadora em formação. Com isto, pretendo contribuir para o desenvolvimento de um campo de pesquisa que nos mostre as impressões e aprendizagens dos estudantes neste campo científico que irá vigorar as escolas estaduais.

Palavras-chave: Narrativas. Projetos científicos. Pesquisador encarnado.

1 INTRODUÇÃO

No cenário atual crivado de atravessamentos contrários ao conhecimento científico e o respeito à dignidade humana, proponho uma reflexão sobre o desenvolvimento da tese intitulada “Letramento Científico na Educação Profissional e Tecnológica: memórias, narrativas de estudantes no contexto do território do Litoral Norte e Agreste Baiano”, cujo objeto de investigação são os projetos científicos, bem como as práticas pedagógicas desenvolvidas no Centro Territorial de Educação Profissional do Litoral Norte e Agreste Baiano – CETEP/LNAB imbricadas na iniciação científica. A Iniciação Científica (IC) no âmbito do domínio da educação básica, em meio à realidade da educação brasileira, é tema bastante recente e viés de discussão entre professores/coordenadores pedagógicos /gestores nos contextos escolares.

As experiências que serão narradas nesse escrito estão ancoradas nos estudos realizados junto ao *Grupo Enlace* (Messeder, 2020) – corpo social epistêmico e institucional da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Seu movimento consiste

numa desobediência epistêmica, decolonial, na qual o perfil do (a) pesquisador (a) encarnado (a) é atravessado pelo engajamento com as paridades nos âmbitos: racial, social, sexual, religião e, sobretudo epistêmica. Nesse sentido, movi-me nessa travessia para desenvolver minha pesquisa junto ao CETEP/LNAB, despertada pela relação afilada com o giro teórico-epistemológico decolonial criado pelo Grupo Enlace:

Sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares (MIGNOLO, 2008, p.288).

Atualmente, a opção decolonial engendra-se pelo mundo associada à criticidade que avança diariamente, na civilização capitalista e neoliberal, com efeito, a escola não pode estar à margem desse pensar, tampouco pesquisadores, sobre as questões relacionadas a esse campo. De maneira inquestionável, estudiosos comprometidos com a ciência não devem conceber um posicionamento ingênuo frente às demandas sociais, políticas, religiosas, raciais, de gênero, entre outras que venham incorrer no apagamento das culturas e identidades de sujeitos, que são plurais e que se inserem no contexto da escola. No lugar de pesquisadora, Messeder (2016) enfatiza meu pensar quando afirma:

[...] penso que devo reter as seguintes ideias para que possamos enveredar na produção de um conhecimento científico blasfêmico e decolonial: a) a do (a) pesquisador (a) encarnado (a), ou do (a) pesquisador (a) em sua corporeidade cujas marcas de gênero, raça, classe, colonialidade e desejo sexual estão incrustadas em nossas peles; b) a de saberes localizados; c) a de geopolíticas e descolonização do conhecimento.

Desse modo, senti-me na responsabilidade de realizar minha pesquisa junto ao Centro Territorial de Educação Profissional do Litoral Norte e Agreste Baiano sob um olhar crítico, imbuído da ética, da memória e demais dispositivos concernentes ao perfil do (a) pesquisador (a) encarnado (a).

O percurso percorrido até aqui vem semeado de desafios e conquistas que ao longo desse primeiro ano da investigação embasaram-me teoricamente frente as disciplinas cursadas nos dois primeiros semestres do doutorado. Vale salientar, o quanto o Programa Crítica Cultural ao qual estou inserida provocou em mim uma imersão literária no intuito de mover contribuições linguístico-literárias para as ciências humanas através da minha pesquisa, referenciando-me a Messeder (2016), ao mencionar que:

Quando nos arvoramos no trabalho de campo, devemos considerar o nosso itinerário acadêmico, a nossa literatura teórica consumida em nosso curso e portar uma visão disciplinar que nos faculte olhar a realidade, antes mesmo de experienciá-la. Devemos lidar com a metáfora da refração e, com efeito, necessitamos dos outros atos cognitivos para reconstruir “a natureza das relações sociais”.

Na perspectiva sobre a formação do (a) pesquisador (a) encarnado (a), compreendi sua significação para o desenvolvimento da minha investigação, pela qual tenho uma afilada relação com o objeto, o que me fez refletir se escolhi meu tema ou se o tema me escolheu. Assim, senti-me embebida de recordar lembranças da minha trajetória nos espaços escolares até o presente momento e movida pelos modos de convivência com as pessoas e, especialmente, com a produção de conhecimento disseminada pela força do meu trabalho, compus essa narrativa no objetivo de que o leitor possa compreender as relevantes

imbricações de quem eu sou, e que se projetaram para que o tema me escolhesse e que por mim foi enlaçado.

2 NARRATIVAS DE SI: REFLEXÕES QUE ENLAÇAM O OBJETO DA PESQUISA

Narrar a própria história está estritamente atrelada à condição existencial do sujeito na sociedade, como ser formador do mundo – “A particularidade da condição biográfica é fazer da narrativa de si, simultaneamente, uma forma da construção e da expressão individual, um objeto social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.33). Já que “nas transformações de seus usos e na renovação de seu status, a narrativa de si inscreve-se no contexto geral de um mundo no qual a narrativa invade todos os setores da vida coletiva” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.33). Não se pode negar que essa invasão dá-se fazendo uso do dispositivo da memória, visto que:

Sem a mobilização da memória que é a transmissão, já não há nem socialização nem educação, e, ao mesmo tempo, se admitimos, como diz E. Leach, que a cultura é “uma tradição transmissível de comportamentos aprendidos”, toda identidade cultural se torna impossível (CANDAU, 2012, p.105).

Partindo do pressuposto de que “a transmissão contínua de conhecimentos entre gerações, sexo, grupos etc. lhe permite aprender tudo ao longo de sua vida e, ao mesmo tempo, vem satisfazer seu instinto epistêmico” (CANDAU, 2012, p. 105-106), levou-me a refletir quem sou no mundo e compreendi que nunca estamos sós, com efeito, a adaptação que se faz do presente ao futuro disposta a partir da conexão com o passado é o que permite a cada indivíduo na construção de sua identidade.

Lembro-me bem que quando da primeira vez precisei narrar sobre mim foi motivada para o recebimento da medalha *Tereza de Benguela* junto à Câmara Municipal de Alagoinhas no ano de 2022; foi uma breve narrativa, visto que o texto precisaria ser curto e constar de no máximo cinco minutos para sua apresentação, contudo, por meio desta estou sendo oportunizada

em falar mais sobre mim, porque a minha narrativa está embebida de um olhar crítico que perpassa por diversos atravessamentos. Confesso que haviam inquietações adormecidas na minha memória que foram elucidadas nas aulas da disciplina *Laboratório de Crítica Cultural VI: Memórias, Identidades e Narrativas de Si*, que cursei no segundo semestre do doutorado, ministrada pelas professoras doutoras Jailma dos Santos Pedreira Moreira e Áurea da Silva Pereira, bem como nos diálogos promovidos pelo *Grupo Enlace* (Messeder, 2020) – corpo social epistêmico e institucional da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do qual faço parte. Seu movimento consiste numa desobediência epistêmica, decolonial, na qual o perfil do (a) pesquisador (a) encarnado (a) é atravessado pelo engajamento com as paridades nos âmbitos: racial, social, sexual, religião e, sobretudo epistêmica.

Desse modo, descortino a minha memória, para que a minha história seja partícipe das histórias de outros sujeitos, pois “Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo nível de evocabilidade ou memorabilidade. Eles são representados por marcos de uma trajetória individual ou coletiva que encontra sua lógica e sua coerência nessa demarcação” (CANDAUI, 2012, p.98).

Chamo-me Tânia Pinto dos Santos Souza, mulher negra, professora, nascida na cidade de Alagoinhas/BA, filha de José Clarindo dos Santos e Maria Pinto dos Santos, primogênita da família no total de quatro mulheres e quatro homens, mãe de dois anjos que vieram para mim há 25 anos, os gêmeos Tiago e Eduardo, ambos autistas que iluminaram ainda mais a minha vida, tornando-me uma pessoa melhor.

Venho de uma família de trabalhadores pobres que tiveram suas vidas marcadas pelo preconceito racial. Meu pai, um homem negro que prezava pela honestidade e responsabilidade para com a família, não media esforços para nos sustentar; como padeiro, o pão nunca nos faltou; lembro-me dos biscoitos maravilhosos e pães que fazia. Até hoje nunca encontrei iguais! Fazia questão de assar os pães no fogareiro – eram dois pães para cada irmão, mas os

meus deixava-os para assar por último porque gostava deles quentes. Naturalmente por ser a mais velha, a mim era confiado o cuidado com os demais irmãos e com a casa. Sentia-me orgulhosa com isso. Alguns dos meus irmãos nasceram sem a presença do meu pai na cidade, pois estava sempre viajando com o patrão nas vendas externas dos produtos de sua padaria. A minha mãe, dona de casa cuja responsabilidade era cuidar das crianças, sabia usar com muita sapiência o que conseguira aprender até a quarta série ginásial, como assim se chamava na época – último ano do ensino fundamental I atualmente. Antes de irmos para a escola, foi ela quem nos ensinou as primeiras letras, mas o seu ponto forte era a matemática - acredito que eu tenha puxado a ela nessa habilidade. Minha mãe trazia consigo a ideia de que nós mulheres tínhamos apenas três opções frente ao contexto social: podíamos nos casar, podíamos trabalhar como empregadas domésticas e podíamos nos tornar professoras de escola, além disso, ensinava-me que eu poderia ser duas coisas na vida: professora ou costureira, visto que ambas as profissões me dariam o sustento sem sair de casa. Minha mãe trazia essa experiência na vida porque como não conseguiu seguir os estudos, teve que ajudar sua mãe junto ao trabalho na roça, mas ao casar-se, para ajudar meu pai nas despesas da casa, dedicou-se à costura sem nunca ter ido a uma escola de corte e costura – aprendeu a costurar tirando o molde de uma peça já pronta usando ela mesma como modelo, pois sua primeira peça foi um vestido para si, por sinal muito lindo, do qual nunca esqueci da estampa, flores coloridas que se misturavam ao seu fundo vermelho; fazia questão que o vestisse quando comparecia às reuniões de pais da escola. Tornou-se uma ótima costureira, fazia nossas roupas sem contar com a vizinhança que realizava muitas encomendas. Gostava por ela ser uma costureira, pois as sobras de tecidos que caíam no chão eu os pegava e fazia réplicas dos modelos a ela encomendados para minhas bonecas – ali começava o meu gosto pela costura e criação. Entre as opções supracitadas, escolhi ser professora, profissão que comeci a exercer desde criança quando brincava com os (as) colegas da minha rua. Essa opção fora acertada, visto que ser professora deu-me a oportunidade de percorrer caminhos que me levaram a viver intensamente a relação teoria /prática, perpassando por desafios,

responsabilidades, compromissos e histórias como sujeito no mundo. Nesse sentido, Delory-Momberger (2008), afirma:

O ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de contar essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna *sua* vida e ele só se torna *ele mesmo* por meio de *figurações* com as quais representa sua existência. A primeira dessas figurações, a mais matricial e abrangente, aquela que de certa maneira enquadra a infinita multiplicação das histórias humanas, concerne ao desenrolar da vida. Tanto na sua linguagem mais coloquial quanto nas criações mais elaboradas, os homens recorrem a palavras e imagens que transpõem para uma representação espacial o desenvolvimento temporal de sua existência (DELORY- MOMBERGER, 2008, p. 35).

Levando comigo os aprendizados adquiridos com minha mãe em casa, fui estudar na escolinha particular de Nalvinha – professora leiga como assim diziam, para aprender as primeiras letras; não me considerava uma aluna exemplar em termos de aprendizagem, mas foram as diversas vezes que fiquei sem o “recreio” por não ter respondido a tabuada, o medo da grande régua que a professora usava para os bolos que recebi em minhas mãos tão frágeis, que levaram-me a tomar a atitude de não mais errar uma tabuada; odiava aquela metodologia e sonhava sair da escolinha de Nalvinha. Não consigo lembrar quanto tempo fiquei nessa escolinha, mas recordo-me da alegria de ir estudar na Escola Áurea Cravo, escola do bairro em que nasci. Lá tinha uma professora de matemática, professora Terezinha, que como toda boa professora observava seus estudantes e acreditava neles. Professora Terezinha via em mim uma excelente aluna e que aprendia as coisas com muita rapidez, assim, conseguiu uma vaga para eu estudar na Farda Branca – escola das freiras do Colégio Santíssimo Sacramento, cujo papel era oportunizar alunos pobres. Foi lá que fiz meu ensino fundamental I e ao término do último ano dessa fase havia a escolha de duas estudantes da turma (só meninas estudavam na instituição) que tivessem as melhores notas

em Matemática e Língua Portuguesa para serem bolsistas no Colégio Santíssimo Sacramento. Assim, veio a oportunidade para eu estudar no Santíssimo, pois fui uma das alunas selecionadas.

Grandes foram os desafios para uma costureira e um padeiro manter-me nessa escola, pois a bolsa constituía o valor da mensalidade, mas os custos com livros, eventos, merenda, entre outras despesas, foram custeados pela dedicação, trabalho e confiança que meus pais tiveram para comigo, que agradeço a cada dia, uma vez que a educação é o maior bem que qualquer ser humano pode ter em sua vida e o que meus pais mais queriam na vida era que eu tivesse oportunidades que eles não tiveram. Nesse sentido, estudava muito para passar todos os anos sem recuperação; caso contrário perderia a bolsa. De tanto estudar e por ter uma facilidade em transpor os conteúdos, particularmente na área de ciências exatas e da natureza, levou-me a substituir meus professores da época quando esses faziam seus estágios na graduação, ministrar aulas particulares em residência de estudantes considerados de classe alta na sociedade local que mais tarde viriam a ser na minha residência, onde fiz grandes amizades. Além de estudar bastante, muitas aulas favoreceram no desenvolvimento de nossas habilidades artísticas e em nossa carreira profissional a exemplo da pintura, do desenho e da costura; utilizei todas elas e muitas colegas assim as fizeram. Naquela época, somente pessoas com um bom poder aquisitivo tinha acesso a ter um biquíni em lycra e foi assim que eu e minhas amigas, Tânia Regina (Tâninha) e Maria Auxiliadora (Cilly) começamos a confeccionar biquínis em tecido de algodão; só podíamos fazer modelos que amarrassem nas laterais pois algodão não tem elastano assim como a lycra. Nosso plano deu certo: as estampas eram elaboradas por nós mesmas utilizando as técnicas de pintura que aprendíamos nas aulas de “educação para o lar”, aulas que transformamos em educação para a vida, para o sucesso, pois não tínhamos nenhum objetivo de ser donas de casa e sim donas de nossas vidas – em nós já existia o sentimento feminista. Dividíamos nosso tempo entre os estudos e as encomendas que eram muitas e que nos inspirou a realizar nosso primeiro desfile. O melhor clube da cidade na época, a ACRA, ficou completamente lotado com nosso desfile que fora realizado em torno da piscina

com uma decoração inusitada. Essa relação afilada que tínhamos pela moda nos levava a diálogos que exploravam nossa criatividade e que se aprimorava continuamente a cada ideia da equipe – uma inspirava a (s) outra (s). Utilizar os conhecimentos da sala de aula, indo além de seus muros de modo a provocar o entusiasmo gerado nas relações interpessoais, é o que nos faz perceber o valor das narrativas que o contexto da escola nos proporciona, visto que “Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (hooks, 2013, p.17).

Concluí o ensino médio como técnica em patologia clínica no Santíssimo e fui imediatamente contratada pela escola para trabalhar como preceptora de estágio da terceira turma do curso técnico supracitado, que durou apenas cerca de três meses, resultando em alteração da minha função na carteira de trabalho. Desde o ensino fundamental, eu estava destinada a me tornar professora. Mas o sonho de me tornar uma grande professora de matemática sempre esteve presente dentro de mim. Ser professora, conforme pensava, era uma questão de realização pessoal/profissional atrelada à contribuição/retribuição para com a sociedade de forma geral. Para uma jovem pobre e negra daquela época, lecionar numa instituição na sua grande maioria constituída por brancos era fundamentalmente político, visto que meu posicionamento naquela comunidade não seria de qualquer professora – estaria intimamente embebido da experiência carregada desde a infância até o ensino médio. “Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, a vida do intelecto, era um ato contra -hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista” (hooks, 2013, p.10). Assim, com grande alegria iniciei minha carreira acadêmica em 1980 sendo aprovada no vestibular em licenciatura em ciências com habilitação em matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – primeira pessoa da minha família com nível superior – motivo de orgulho para toda família. A partir da minha entrada para a universidade, tornei-me uma professora de grande

notabilidade na minha cidade – trazia algo que diferenciava da maioria dos (as) professores (as) de matemática, isso porque eu usava a sala de aula como lugar de diálogos que não se limitava apenas ao trabalho do conteúdo programático, mas sim como contexto de escutas, do ouvir as dificuldades de cada sujeito ali presente e mostrar que todos eram capazes de aprender usando a linguagem que favorecesse a compreensão pelo caminho da contextualização – não repetia o que estava nos livros didáticos, adaptava-os à realidade, ao nosso convívio, abusava da visualização e da criatividade, pois a cada aula planejada/ realizada, sempre me posicionei como estudante porque lembrava de cada dificuldade, de cada dúvida não dirimida pelo professor; tinha medo de perguntar, “ A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender” (hooks, 2013, p.12), assim, sentia-me uma representação social adaptando ao contexto da época seguindo a tradição deixada pela professora Terezinha.

Já sou aposentada pela rede particular de ensino junto a outra instituição, também de freiras- Colégio São Francisco- momentos significantes experimentei nessa instituição, aprendizados que levarei para sempre na vida, onde o respeito pelo outro era uma das marcas em destaque junto à comunidade escolar. Na época que ensinei lá, simultaneamente trabalhava na rede estadual de ensino e só aceitei o convite porque eram apenas duas turmas de oitavo ano que eu teria para lecionar. A atmosfera fora modificada no âmbito daquela escola com a metodologia adotada nas aulas de matemática de modo que a disciplina que tanto era temida pelos estudantes passou a ser a que mais gostavam. Senti um recomeçar na minha história na rede particular de ensino, principalmente pelo acesso a materiais e experiências que poderiam estar sendo compartilhados com meus estudantes da rede pública.

Em 2013 fui aprovada no exame de acesso ao Mestrado Profissional de Matemática em âmbito nacional – PROFMAT- parecia um sonho, custei a acreditar que meu nome constava

naquela lista, pois era algo que eu acreditava ser muito distante para mim, principalmente por valorizar muito a formação pública, mesmo tendo passado pela rede privada carregava comigo que na pública só passava quem tinha mérito, onde havia os melhores professores, e para tanto teria que se esforçar e estudar muito e estar comprometido(a) em compartilhar o conhecimento. Desse modo, foram dois anos de estudos intensos como bolsista, concessão dada aos professores da rede pública de ensino, pois era o objetivo do programa qualificar os professores para a melhoria do ensino de matemática no Brasil. Assumi esse compromisso junto ao meu curso de modo que intensificou minha prática pedagógica, principalmente junto ao estudante da rede pública, visto que quando estava diante da escrita da dissertação do mestrado achei prudente aposentar-me da rede particular em função da intensa carga horária de trabalho que incidiu num grande cansaço físico/mental e atendi ao clamor do meu corpo.

Todas essas histórias fazem revelar quem eu sou e estão sendo contadas frente ao que que desejo, ao que marcou e contribuiu para meu crescimento como sujeito no mundo; estão atreladas ao meu passado e vivenciadas de “outras formas” continuamente a cada ano vivido, moldado ao contexto e aos diversos modos de vida, pois:

A partir dessa aprendizagem – adaptação do presente ao futuro, organizada a partir de uma reiteração do passado -, esse homem vai construir sua identidade, em particular em sua dimensão protomemorial. Em um mesmo grupo, essa transmissão repetida vezes em direção a um grande número de indivíduos estará no princípio da reprodução de uma dada sociedade. No entanto, essa transmissão jamais será pura ou uma “autêntica” transfusão memorial, ela “não é assimilada como um legado de significados nem como a conservação de uma herança”, pois, para ser útil às estratégias identitárias, ela deve atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da

reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento (CANDAU, 2012, p.107).

Mesmo que apenas um sujeito tenha a sensibilidade de ter vivenciado certos instantes nos quais somente ele observou, mesmo assim as memórias concernentes desses são consideradas coletivas, inclusive podendo ser ainda rememorada por outros que não obrigatoriamente observaram esses instantes, dado que “confirmar ou recordar uma lembrança não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p.31).

Continuo na minha prazerosa trajetória do ensinar e aprender, trabalhando no Centro Territorial de Educação Profissional do Litoral Norte e Agreste Baiano – CETEP/LNAB, instituição da rede estadual de ensino onde tenho o amor de oportunizar meus estudantes dando-lhes todas as condições da qualidade de ensino que recebi e ofertei, pois isso é um direito de todos. É nessa perspectiva que devemos olhar o mundo, oportunizar por meio de nossa profissão, o acesso a bens considerados incompressíveis, como a educação, a arte, a literatura, enfim, ser mediador (a) de oportunidades. Como afirma Cândido (2011, p.188) “O que há de grave na sociedade brasileira é que ela mantém com a maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis”.

O Centro Territorial de Educação Profissional do Litoral Norte e Agreste Baiano é uma instituição de ensino cuja modalidade se diferencia das demais, uma vez que concerne a essa escola “formar estudantes para o mundo do trabalho”. Diante dessa missão, questionei várias vezes, sob quais perspectivas deveriam ser realizadas essas formações, com efeito, jamais teria participado de alguma formação específica voltada para esse fim. Mas em 2021, durante o período pandêmico participei de uma seleção para uma especialização em docência para a educação profissional e tecnológica oferecida pelo Instituto Federal do Espírito Santo e fui contemplada entre as vagas ofertadas. Esse momento foi muito importante para mim e inspirador para que eu

tentasse prestar a seleção para o doutorado, porque as leituras oportunizadas pelos professores nos remetia a reflexões as quais não as viam no contexto da minha comunidade escolar. Compreendi que algumas das minhas inquietações no que tange à formação daqueles estudantes do CETEP poderiam ser investigadas junto ao doutorado. Sou doutoranda em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II – realização profissional pela qual sinto orgulho, amor, identidade. Foi com o projeto de tese intitulado *Letramento Científico na Educação Profissional e Tecnológica: memórias, narrativas, formação docente no contexto do território do litoral norte e agreste baiano*, que ingressei como aluna regular no Programa, movida por diversos questionamentos, a exemplo de como e quais práticas pedagógicas são desenvolvidas no âmbito do território do litoral norte e agreste baiano que corroboram para o desenvolvimento do pensamento científico. Assim, como pesquisadora da iniciação científica na educação profissional e tecnológica, através da minha pesquisa procuro proporcionar aos estudantes da rede pública por meio do desenvolvimento de projetos científicos a realizarem seus projetos de vidas, bem como o acesso a direitos que lhes foram tirados no contexto da escola e que ainda continuam. Nesse caminho, já orientei vários projetos de iniciação científica junto à Feira de Ciências e Empreendedorismo da Bahia –FECIBA, onde fomos vencedores em primeiros lugares, proporcionando que esses meninos e meninas fossem representar o nosso Estado no campus da USP em São Paulo, bem como na categoria ensino médio representamos nossa Alagoinhas no Encontro Nacional de Educação Matemática em Cuiabá/MT.

Ao escrever este texto fiz questão de depor alguns momentos marcantes que foram pilares na construção da minha história, os quais não sei até quando serão lembrados, já que “cada indivíduo sabe, que uma vez que a profundidade de sua própria memória não vai além de duas ou três gerações, ele mesmo será totalmente esquecido algum tempo após sua morte” (CANDAU, 2012, p. 139), mas vocês leitores serão testemunhos do descortinar de certos registros da minha memória.

As nossas vidas, os nossos modos de vida, nossas culturas, são formadas por muitas narrativas justapostas e por isso nunca devemos crer na história única,

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p.16).

Finalizo parafraseando Adichie (2019), afirmando que quando desprezamos a história única ao ponto de compreendermos que nunca existe uma só história sobre qualquer lugar, culturas, sujeitos, reconquistamos uma sensação de magnitude.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação vivenciada levou-me a refletir sobre os caminhos que percorri na construção da minha identidade, que incidiram na escolha do tema da minha investigação corroborando para o fortalecimento do processo de encarne, ainda em formação, da pesquisadora sem eximir-me do rigor da aplicação do método científico para a construção do objeto da pesquisa.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto. 2012.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN – EDUFRN. São Paulo: Paulus. 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Tradução de Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal, RN – EDUFRN. 2012. 155 p.

GARCIA, Edson Gabriel. *Tantas histórias numa caixa de sapatos*. Ed. FTD S.A. São Paulo-SP. 1996. Disponível em: www.ftd.com.br . Acesso em: 16.12.2022.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Editora Revista dos Tribunais Ltda. São Paulo. 2013.

hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática para a liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes. 2013.

MESSEDER, S. A. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disso nos estudos de sexualidades e gênero. In: IRINEU, Bruna Andrade (Org.). *Diversidades e políticas da diferença: intervenções, experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça*. 1ed. Tocantins: EDUFT, 2016, v. 01, p. 06-17.